



Inquietudes Contemporâneas na Educação

Ivonete Aparecida dos Santos¹; Adriano Alberti²

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar sobre inquietudes da educação e valorização da educação infantil enquanto ensino e aprendizagem. A Educação Infantil constituiu-se como um espaço de aprendizagens e de ludicidade, respeitando a criança, auxiliando-a no desenvolvimento de suas capacidades e construção do conhecimento. A metodologia utilizada foi de caráter bibliográfico, foram pesquisados trabalhos e artigos publicados que viessem de encontro com a temática em estudo, sendo possível indagar sobre a Infância e Educação e Valorização da educação infantil enquanto ensino e aprendizagem e Inquietudes da Educação. Concluindo, é preciso efetuar uma imersão por dentro dos muros da escola, para melhor compreender o que é educação e como deve ser a educação infantil. É necessário debruçar-se no processo de ensino-aprendizagem, considerando o conhecimento da criança como parte do processo de acolher, aceitando e respeitando a sua totalidade.

Palavras-chave: Inquietude. Educação. Educação Infantil.

Contemporary Concerns in Education

Abstract: This article aims to analyze concerns about education and the valorization of early childhood education as teaching and learning. Early Childhood Education was constituted as a space for learning and playfulness, respecting the child, helping them to develop their capabilities and construct knowledge. The methodology used was of a bibliographic nature, works and published articles were researched that were in line with the theme under study, making it possible to inquire about Childhood and Education and Valuation of early childhood education as teaching and learning and Educational Concerns. In conclusion, it is necessary to immerse yourself within the school walls, to better understand what education is and what early childhood education should be like. It is necessary to focus on the teaching-learning process, considering the child's knowledge as part of the process of welcoming, accepting and respecting their totality.

Keywords: Restlessness. Education. Early Childhood Education.

¹ Mestre em Educação - Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC. Contato autor correspondente: ivonemath@gmail.com;

² PhD em Educação - Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC. adrialberti90@gmail.com.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0313-0380>.

Introdução

Definir o termo infância é uma tarefa difícil, que pode se diferenciar de acordo com o referencial escolhido. Segundo o dicionário Aurélio, a infância é definida como um "período de crescimento do ser humano, que vai do nascimento até a puberdade". A criança, no mesmo dicionário, é definida como um "ser humano de pouca idade" (FERREIRA, 2004). Tornar-se professora de uma criança exige mudança, pois as ideias de tempo e de verdade não são as mesmas quando estamos diante delas; o mundo não é o mesmo quando olhamos para tantos outros mundos inventados pelas mesmas. Como voltar a memória e os pensamentos para um tempo não mais vivido? Como escutar o que não pode mais ser escutado? Como ver o que não é mais visto? Se pensarmos em infância como experiência e/ou como condição humana, como aprendemos com Agamben (2005), somos atravessados pela infância, pela nossa, das crianças e do próprio mundo.

É diante dessa infância que nos atravessa, que nossas verdades e concepções são estremecidas. São as inquietações e problematizações disparadas que podem trazer leveza de pensamento, abertura para novas ideias, transcendência de ser, e entendimento do caminho que está sendo criado, pois "é justamente nas contradições que podemos pensar, se é que pensar tem a ver com criar e não apenas reproduzir o já pensado" (KOHAN, 2007, p.88).

Diante disso, o processo de Ensino e de Aprendizagem torna-se algo muito mais complexo do que "apenas" o ensinar por ensinar, por orbitar em torno das interações entre professores e alunos, assim como os demais componentes do corpo docente de uma instituição escolar. A relação de interação entre discentes e docentes diz muito sobre o funcionamento e o processo de aprendizagem dos alunos desde o início da sua vida acadêmica. Os professores devem sempre estar dispostos a facilitar todo o mecanismo e colaborar para que os alunos entendam e pratiquem todos os conteúdos trabalhados dentro das salas de aulas (ARAÚJO, 2022).

Assim, procurou-se refletir as inquietudes da educação na atualidade, sobreviveu-se a uma pandemia causada pelo vírus COVID-19. Daí foi necessária uma reinvenção didático-pedagógica em sala de aula. Contudo, mesmo após esse cenário, muitos ainda são os desafios, principalmente na educação infantil.

Muitas famílias e responsáveis ainda confundem essa etapa da educação básica somente com o cuidar, a educação infantil requer muito preparo dos educadores e profissionais de apoio e um olhar pedagógico por parte da família.

A família tem um papel importante na educação infantil pois a primeira relação de convívio da criança acontece com a sua mãe. Conforme Maturana e Verden- Zöllner (2004, p. 158) uma epi gênese infantil em que a consciência social surge, na criança, como consequência de seu crescimento numa relação materno-infantil vivida na total e mútua aceitação corporal. Assim sendo a criança aprende a sua aceitação com amorosidade e diante disso poderá aprender tudo o que desejar durante a sua vida.

Infância e Educação

Antes de falarmos sobre educação infantil é importante entender o que é infância. De acordo com o dicionário da língua portuguesa *Houaiss*, a palavra infância significa: “período da vida humana que vai do nascimento ao início da adolescência”. Para a etimologia, esta palavra oriunda do latim significa a incapacidade de falar. Essa incapacidade é atribuída, em geral, ao período que chamamos de primeira infância, o qual se estende até os seis anos (LIMA; CABRAL, 2014).

As discussões e produções sobre essa temática têm sido crescentes no campo acadêmico, porém, ainda percebemos a dificuldade que a sociedade apresenta em lidar com as crianças. A história cultural colaborou com esse tema a partir da mudança de interesses de alguns historiadores dos Annales. A história das mentalidades deixou de ocupar a margem dos projetos dos Annales e foi levada para o centro da discussão através do historiador francês Philippe Ariès e de sua obra intitulada “História social da criança e da família”, publicada em 1960 (LIMA; CABRAL, 2014).

A concepção de infância dos dias atuais é bem diferente de alguns séculos atrás. É importante salientar que a visão que se tem da criança é algo historicamente construído, por isso pode-se perceber os grandes contrastes em relação ao sentimento de infância no decorrer dos tempos. O que hoje pode parecer uma aberração, como a indiferença destinada à criança pequena, há alguns séculos era algo absolutamente normal. Por maior estranheza que cause, a humanidade nem sempre viu a criança como um ser em particular e, por muito tempo, a tratou como um adulto em miniatura (COSTA; FEITOSA, 2019).

Hoje temos o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, e o mesmo diz que (BRASIL, 1998, p. 21), “a criança é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico [...]”.

No entanto, Rizzo (2003, p. 37) aponta que, as crianças não tinham atenção para a sua faixa etária, sendo concebidas como objetos descartáveis, sem valor intrínseco de ser humano. Especificamente, na Idade Média, as crianças eram vistas como adulto em miniatura, cotidianamente, as mesmas estavam inseridas no mundo dos adultos, sofrendo de desnutrição, acidentes domésticos e altos índices de mortalidade infantil.

Assim, por inúmeros e longos anos não existiu o sentimento de infância, as crianças eram marginalizadas, sem direitos específicos para a sua idade, sendo que o seu nascimento ou morte era um acontecimento corriqueiro em todas as casas (COSTA; FEITOSA, 2019). Hoje a Lei de Diretrizes e Bases da Educação LDBEN legalmente assegura com muita propriedade que a Educação Infantil como a primeira etapa da Educação Básica é responsável por possibilitar as primeiras construções no processo de ensino aprendizagem da criança. Além disso, nessa primeira etapa a escola deve iniciar o trabalho para promover o desenvolvimento integral da criança, mediando sua formação intelectual e moral, junto à família.

Pesquisadores e profissionais que atuam na Educação Infantil vivenciam processos de inquietação e estão em busca de novos paradigmas que possam corresponder às exigências do contexto histórico atual. Concepções de criança como “tábula rasa”, “adulto em miniatura” e de educação propedêutica, antecipatória ou assistencialista não atendem mais às expectativas das crianças, das famílias e da sociedade, de maneira geral (LIMA; LIMA; SILVA, 2011).

A produção científica vem buscando, entre outros aspectos, responder questões relacionadas às concepções de infância e educação; às finalidades da educação, organização do currículo, métodos, relações interpessoais, espaços e materiais pedagógicos, integração entre família e escola que possam orientar as práticas educativas nessa modalidade educacional. Tais respostas incorporadas à prática podem colaborar na promoção de uma “educação infantil de qualidade” e um trabalho pedagógico que respeite as crianças nas suas singularidades. Todavia, na realidade brasileira, é comum encontrar profissionais e instituições de Educação Infantil realizando práticas sem uma base teórica necessária não oferecendo condições adequadas para o desenvolvimento humano das crianças (LIMA; LIMA; SILVA, 2011).

Existem muitos fatores que podem ser considerados no processo de ensino, atuando como facilitadores nessa tarefa tão árdua relacionada ao ato de ensinar e de aprender cotidianamente novos conteúdos e novas formas de conseguir fazer com que as crianças sintam interesse por tudo que pode ser compartilhado (ARAÚJO, 2022).

A fase inicial do processo de Ensino e Aprendizagem torna-se mais difícil porque o trabalho é voltado para crianças que ainda não desenvolveram o raciocínio lógico e a consciência de que tudo que está sendo compartilhados é de suma importância para sua vida. Com isso, torna-se necessário dispor de técnicas relacionadas a criação de um contexto lúdico relacionado a todos os conteúdos trabalhados inicialmente, como a cotação de histórias por exemplo (ARAÚJO, 2022).

Valorização da educação infantil enquanto ensino e aprendizagem.

É fundamental a valorização na educação infantil, pois é na infância, através das inúmeras experiências formadoras que as potencialidades intelectuais se desenvolvem com maior vigor, sobretudo as aprendizagens que se desencadeiam nos cotidianos escolares. Para tanto, a criança ao conhecer pela primeira vez à escola infantil, não chega vazia, mas sim, possui uma bagagem cultural de conhecimentos, experiências e uma trajetória de vida, apresentando, portanto uma pré-história de aprendizagem (ANTONIO; DIAS, 2014).

Assim, ao se reportar sobre a infância Manoel de Barros destaca:

“O meu conhecimento vem da infância. É a percepção do ser quando nasce. O primeiro olhar, o primeiro gesto, o primeiro tocar, o cheiro, enfim. Todo esse primeiro conhecimento é o mais importante do ser humano. Pois é o que vem pelos sentidos. Então, esse conhecimento que vem da infância é exatamente aquele que ainda não perdi” (apud Martins et al., 2006, p. 32).

O autor destaca que o conhecimento adquirido no decorrer da infância, é o que levaremos para o resto da vida. Além disso, pode-se possível afirmar que cada um revive as lembranças de infância ou de experiências como mãe, filha, educadora quando ao se deparar com cenas cotidianas em que observamos crianças brincando, contando histórias, cantando e até mesmo nas diferentes linguagens infantis expressadas nos cotidianos das escolas, parques, ruas, dentre outros espaços sociais (ANTONIO; DIAS, 2014).

Ao recordamos as memórias da infância podemos nos reencontrar, nos fazendo repensar as ações pedagógicas e o sentido que damos a nossas próprias vidas. Recordar a infância faz-

nos ativar a memória afetiva, lembrando de sabores ao experimentarmos os mais variados alimentos, dos cheiros (principalmente o de grama cortada, da chuva, da terra molhada) e das diversas brincadeiras infantis, como por exemplo, com um simples pedaço de madeira ou garrafa plástica era possível viajar pelo mundo imaginário, assumindo e experimentando diversos papéis e personagens. Deste modo, Manoel de Barros reporta que a infância é um sentimento que não deveria ser esquecido ou abandonado, mas sim, levado e praticado para o resto da vida (ANTONIO; DIAS, 2014)

Em meio às memórias de infância, é fundamental evidenciar, qual o sentido que atribuímos à educação, mais especificamente a educação da infância e para a infância. Já que muitas são as discussões e preocupações perante esta temática, principalmente em relação aos processos de ensino e aprendizagem da criança (ANTONIO; DIAS, 2014).

Inquietudes da Educação

Diante de tudo que foi abordado até aqui é de suma importância refletirmos e debatermos sobre a valorização da educação infantil enquanto ensino e aprendizagem, pois é fundamental que se valorize e compreenda a importância da Educação Infantil enquanto Instituição que, com o passar dos tempos e através de políticas educacionais, vem se transformando e pensando cada vez mais nas peculiaridades infantis. A Educação Infantil constituiu-se como um espaço de aprendizagens e de ludicidade, respeitando a criança, auxiliando-a no desenvolvimento de suas capacidades e construção do conhecimento (PINHEIRO; ZIEDE, 2014).

Para as crianças, o tempo (que ainda não passou) é diferente do tempo do adulto. As obrigações diárias, as percepções acerca dos horários e do trabalho não existem. É aí que se encontra o movimento para a observação e o descobrimento. Quando não há pressa, há tempo, e quando há tempo, há possibilidades de aprendizado (CHISTÉ; SOUZA, 2020).

Para Piaget “as ações da criança sobre os objetos e as interações com outras pessoas são de importância fundamental na construção do conhecimento” (WADSWORTH, 2003, p. 29). A educação infantil oportuniza essas interações com as crianças e adultos, além do contato e a exploração de objetos. É uma etapa escolar rica em experiências que corroboram com o que Piaget destaca como importante para o desenvolvimento infantil. O mundo percebido pelas crianças é diferente do mundo dos adultos, não somente por uma questão cronológica e espacial,

nesse caso por fragmentos de vivências, de olhares, de experiências de professoras, no espaço da educação infantil (CHISTÉ; SOUZA, 2020).

Segundo Pinheiro e Ziede, (2014) pode-se perceber o desenvolvimento das crianças no decorrer do ano letivo, além de acompanhar os avanços destes alunos nos anos posteriores do Ensino Fundamental através de conversas com outras professoras e participação nos conselhos de classe.

Ainda inserido na temática da Educação Infantil, é necessário que possamos refletir a maneira de ensinarmos da melhor maneira possível compreendendo essa fase, pois a Educação Infantil propõe-se a ser uma educação em que a criança possa identificar-se enquanto sujeito parte daquele espaço, livre nos seus momentos de criar e recriar os diferentes significados que dão as coisas e ao mundo (COSTA; FEITOSA, 2019).

O lúdico é uma das maneiras de auxiliar no processo de ensino e aprendizagem. Assim, obteve-se alguns dos conceitos sobre brincadeira e atividade lúdica: a brincadeira é uma atividade humana que existe desde sempre, é uma forma de interação saudável que permite às crianças uma interação verdadeira e de muita cumplicidade, da qual normalmente as crianças fazem parte de forma espontânea, involuntária e verdadeira, tornando-se uma maneira de viver e recriar as diversas atividades e experiências (ARAÚJO, 2022).

A infância é a idade das brincadeiras das criatividades, por isso podemos acreditar que por meio delas as crianças se satisfazem em grande parte de seus desejos usando-se da imaginação, sendo um meio privilegiado de admissão na realidade e a criação de um busca de realização de seus desejos (ARAÚJO, 2022).

Além de tudo isso é fundamental a formação do educador, sendo que o surgimento das teorias críticas na educação tem início na segunda metade do século passado e se relacionam a uma série de movimentos de caráter social, político e cultural registrados em diversas parte do mundo que impactaram de forma diferenciada as sociedades onde se manifestaram. Como aspecto conceitual central nessas teorias está o questionamento da sociedade a partir de suas relações desiguais de produção e distribuição do capital, destacando como essas relações produzem um quadro de desigualdades socioeconômicas refletindo em todas as esferas da sociedade. Assim, a análise da problemática educacional passa a considerar os conflitos existentes na sociedade e a escola como uma instituição não alheia às questões macrosociais.

Portanto, relações de poder, ideologia, conscientização, reprodução cultural, resistência e emancipação, passam a ocupar lugar de referência nos estudos educacionais. (SILVA, 2010).

Faz-se necessário a compreensão que reflete na escola os problemas que a sociedade vivencia, sendo assim o educador precisa estar em constante formação para acompanhar os avanços e fazer um ensino baseado na realidade do educando. Por isso é tão importante a formação continuada.

A política educacional brasileira, partir dos anos 1990, é marcada por um conjunto de medidas que pretendiam promover uma reforma na educação do país em consonância com os acordos estabelecidos com os organismos internacionais multilaterais (SHIROMA; EVANGELISTA, 2015; FREITAS, 2014).

Dentre essas medidas podem ser citadas a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei 9394/96, bem como as regulamentações dela advinda objetivando a redefinição da formação de professores, o estabelecimento de parâmetros curriculares nacionais e a criação de sistemas de avaliação em larga escala.

No discurso mobilizador das reformas está a construção de uma escola capaz de preparar o aluno para os novos desafios da sociedade contemporânea e globalizada (MOREIRA, 2013; SAUL, 2015). Nesse contexto a escola é desafiada à promoção de uma educação de qualidade que permita aos alunos o domínio de um conjunto de conhecimentos e habilidades necessários à sociedade globalizada. Assim, a formação de professores e o controle das práticas curriculares realizadas no âmbito das escolas são considerados estratégicos para obtenção da suposta qualidade na educação.

É necessário inovar a prática pedagógica para formar crianças na perspectiva do amar e brincar, compreendendo-a como parte importante nesse processo, enxergando a criança como um sujeito completo inteiro. Nesse contexto, Maturana e Rezepka (2000 p. 11) esclarecem que a formação da criança enxerga ela como pessoa capaz de criar relações em convivência com o outro. “Por isso a formação como tarefa educacional consiste na criação das condições que guiam e apoiam a criança em seu crescimento como ser capaz de viver no autorrespeito e no respeito pelo outro.”

Mas diante de tudo isso como o educador deve repassar o ensino? É nesse tempo presente, que se torna ainda mais fundamental percebermos de que lado estamos: com os diferentes ou com os antagônicos. São tempos de reflexões profundas sobre a forma como conduzimos as nossas práticas em diferentes campos de ação. São tempos de reavaliarmos nosso pretérito de agirmos de modo contundente em favor de uma sociedade humanizadora e libertadora (Pereira e Cerda, 2018).

Não faz muito tempo que a educação infantil passou a ser tida como parte integrante da educação que tem a mesma importância das demais etapas da educação de qualquer ser humano. Contudo nosso intuito é defender uma visão global olhando o sujeito em sua totalidade sem fragmentação.

O conhecimento ao que vivenciarmos na infância permeara por todo o viver, ao ser exposta ao brincar livre a criança aprendera a brincar, ao vivenciar o Amar aprenderá a amar, ao vivenciar a aceitação e respeito mútuo aprendera a aceitar-se e respeitar-se a si e ao outro. Esse processo inicia na primeira cultura ao qual a criança está inserida a sua família e entende-se e aprimora na escola.

Segundo Freire (1984) “Essa dimensão bancária e arquivista da educação é errada pelo fato de o professor não permitir, nem a criatividade nem a transformação e o reconhecimento de saberes. De certa forma, o que ocorre nesse processo é um profundo processo de alienação: “Os educandos alienados, reconhecem em sua ignorância a razão da existência do educador, mas não chegam, nem sequer a descobrir-se educadores do educado”.

Ainda no contexto da maneira de ensinar “correta” as reformas educacionais ocorridas no Brasil a partir de 1990, sob o argumento de melhoria da qualidade do ensino e de adequação dos currículos às novas demandas da sociedade globalizada, têm gerado críticas de intelectuais por produzir novas formas de existência no âmbito escolar que se contrapõem à compreensão de educação em sentido mais amplo. Em relação à formação docente, essas políticas.

[...] buscaram depauperar a formação intelectual dos professores, propondo uma assepsia ideológica que enleia o sentido da realização daquilo que é próprio da profissão, ou seja, possibilitar ao aluno da escola pública a apropriação do conhecimento socialmente produzido e sua formação como sujeito histórico, sua formação humana (SHIROMA; EVANGELISTA, 2015, p.91).

Desse modo, no texto das reformas, o discurso tem privilegiado a rarefação da formação docente e uma concepção de qualidade educacional nos termos do Banco Mundial, entendida como qualidade de nível mundial (SHIROMA; EVANGELISTA, 2015); além de um currículo positivo (GIROUX, 1997), regulação de professores e escolas, padronização de resultados por meio de testes e indicadores de desempenho, classificação de escolas, bonificação docente (MOREIRA, 2013), dentre outras.

Dentre as medidas destacam-se aquelas voltadas para criação de sistemas de avaliação para todos os níveis de ensino como o Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior (SINAES), Sistema Nacional de Avaliação da educação Básica (SAEB) e Exame Nacional de

Avaliação do Ensino Médio (ENEM). Acrescentamos que além dos exames nacionais alguns Estados criaram seus próprios sistemas de avaliação (SILVA, 2016).

Mas as avaliações realmente são corretas? Os sentidos de educação numa perspectiva crítica e de autonomia docente são rigorosamente afetados ou mesmo destituídos de sentido enquanto uma categoria válida, pois a escola passa a funcionar para responder às exigências dos exames. Essa demanda direciona o ensino e o currículo, privilegiando aquelas disciplinas e conteúdos que serão “cobrados” nos testes. O professor é desapropriado do processo de planejamento, pois em muitos casos já recebe pacotes metodológicos para executar (SILVA, 2016).

Considerações Finais

No contexto apresentado é preciso efetuar uma imersão por dentro dos muros da escola, para melhor compreender o que é educação e como deve ser a educação infantil. O cotidiano escolar pode ser compreendido como grande pedagogo, provedor ou “Mestre” de princípio de realidade. Em suma, o ensino na educação infantil enquanto ensino da aprendizagem dependerá, doravante, da qualidade histórica da reedição de suas próprias inquietudes.

O educador não pode pensar no ensino como promoção para algo ou somente olhar o produto final, faz-se necessário debruçar-se no processo de ensino-aprendizagem, considerando o conhecimento da criança como parte do processo de acolher, aceitando e respeitando a sua totalidade. Essa educação é baseada no amar.

Ao possibilitar à criança vivenciar uma educação pautada no amar e brincar, ela vai aprender a amar, amando, brincar, brincando, aprender, aprendendo, a se relacionar relacionando, a viver, vivendo, só assim podemos afirmar que o aprendizado acontece naturalmente. A criança não será livre para fazer somente o que desejar o que está no contexto é o professor o responsável para corrigir o fazer da criança quando necessário e não o ser criança.

É mostrar que na amorosidade se vence qualquer desafio de aprendizagem e que o educador continua sendo educador capaz de se encantar com o seu fazer, nas suas relações, isso é, viver na biologia do amar, valorizando o sujeito em sua totalidade.

Referências

- AGAMBEN, G. **Infância e História**: destruição da experiência e origem da história. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. 188 p.
- ANTONIO, D. G. R. F.; DIAS, P. L. V. Infância contemporânea, desafios e inquietudes: uma reflexão sobre o processo de escolarização inicial. **X ANPED Sul**, Florianópolis, outubro/2014. Disponível em: http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/2098-0.pdf. Acesso em: 06 jul. 2022.
- ARAÚJO, F. R. D. Educação infantil: o lúdico no processo de ensino e aprendizagem na educação infantil. **Brazilian Applied Science Review**, v. 6, n. 1, p. 125–138, jan./fev. 2022. DOI. <https://doi.org/10.34115/basrv6n1-010>
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.
- CHISTÉ, B. S.; SOUZA, C. M. P. Percepções, sentidos e sensações de professoras da educação infantil: alguns atravessamentos. **e-Mosaicos**, v. 9, n. 22, p. 150–165, 2020. DOI. <https://doi.org/10.12957/e-mosaicos.2020.42516>
- COSTA, E. V.; FEITOSA, D. A. A educação infantil no campo e a valorização da criança enquanto sujeito de direito. **Seminário Nacional e Seminário Internacional Políticas Públicas, Gestão e Práxis Educacional**, v. 7, n. 7, 2019.
- FERREIRA, A. B. H. de. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Régis Ltda, 2004. 2120 p.
- FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau**: Registros de uma experiência em processo. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- FREITAS, L.C. Os reformadores empresariais da educação e a disputa pelo controle do processo pedagógico na escola. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 35, n. 129, p. 1085-1114, out./dez. 2014.
- GATTI, Bernadete A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 31, nº 113, p. 1.355-1.379, out./dez. 2010.
- GIROUX, H. A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1997.
- GOMES, M.M; GOMES, F.C; MORAIS, L. M. D.. Reflexões sobre a Formação de Professores, Histórico e Perspectiva. **Revista Educação Pública** (Rio de Janeiro), v. 19, p. 1-8, 2019.
- KOHAN, W. O. **Infância, estrangeiridade e ignorância**: ensaios de filosofia e educação. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.173 p.
- LIMA, J. M. de.; LIMA, M. R. C. de; SILVA, J. N. da. Inquietações na educação infantil: um percurso a partir da valorização das culturas da infância. **FIEP BULLETIN**, v. 81, p. 1-6, 2011. Disponível em: <http://www.fiepbulletin.net/index.php/fiepbulletin/article/view/210>. Acesso em: 06 jul. 2022.

LIMA, S. S.; CABRAL, A. E. S. de. A. A educação da infância retratada através da literatura. **Interfaces Científicas - Educação**, v. 2, n. 3, p. 95–104, 2014. DOI. <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2014v2n3p95-104>

MATURANA, Humberto Romesin; REZEPKA, Sima Nisis. **Formação Humana e Capacitação**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MOREIRA, A. F. B. **Currículo e gestão: propondo uma parceria**. Ensaio: avaliação, política públicas em educação. Rio de Janeiro, v. 21, n. 80, p. 547- 562, jul./set. 2013.

PEREIRA, Vilmar Alves; CERDA, C C.D. A importância das Teorias da Educação na Formação do Educador: Reflexões Brasil - Nicarágua, **Momento - Diálogos em Educação**, v. 27, p. 353-368, 2018.

PINHEIRO, M. O.; ZIEDE, M. L. As contribuições da educação infantil para o desenvolvimento da criança. **Revista Professare**, v. 3, n. 2, p. 76–99, 2014. DOI. <https://doi.org/10.33362/professare.v3i2.339>

RIZZO, G. **Creche: organização, currículo, montagem e funcionamento**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 258 p.

SHIROMA, E. O; EVANGELISTA, O. Formação humana ou produção de resultados? Trabalho docente na encruzilhada. **Revista contemporânea de educação**, vol. 10, n. 20, jul./dez. de 2015.

SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SILVA, Antônia Alves Pereira. Perspectiva crítica da educação e regulação curricular: possibilidades constitutivas da autonomia docente. Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Brasil. **Periferia**, vol. 8, núm. 1, pp. 138-158, 2016

WADSWORTH, B. J. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget**. 5. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003. p.223.

•

Como citar este artigo (Formato ABNT):

SANTOS, Ivonete Aparecida dos; ALBERTI, Adriano. Inquietudes Contemporâneas na Educação. **Id on Line Rev. Psic.**, Dezembro/2023, vol.17, n.69, p.359-370, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 01/03/2023; Aceito 30/11/2023; Publicado em: 30/12/2023.